

SEGURANÇA NACIONAL

Grupo das Farc atua perto da fronteira com o País

José Paulo Lacerda/AE

OS GUERRILHEIROS COBRAM PEDÁGIOS DE AGRICULTORES E ÍNDIOS RECRUTAM JOVENS PARA REFORÇAREM AS SUAS MILÍCIAS

CHICO ARAÚJO
 ENVIADO ESPECIAL
 AGÊNCIA ESTADO

TABATINGA, AM - Uma facção da Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), formada por cerca de 200 guerrilheiros, está atuando a menos de 500 quilômetros da fronteira brasileira. Os guerrilheiros, todos fortemente armados vem agindo na região do Departamento do Amazonas, que tem 1.150 quilômetros de fronteira com o Brasil. O grupo, identificado pelo Exército colombiano como Frente Amazônica, está dividido em duas bases, às margens dos rios Putumayo e Caquetá.

Esses rios cruzam a fronteira e deságuam no Estado do Amazonas, em território brasileiro.

Segundo informações de militares colombianos, o grupo é extremamente violento e cobra "pedágios" de pescadores, camponeses e índios brasileiros e colombianos que transitam na região controlada pela Frente Amazônica. Os guerrilheiros da área também são ligados ao narcotráfico. Na região, eles também vêm recrutando jovens da área para ingressar em suas milícias, a exemplo do que ocorre no Departamento de Vaupés, localizada nas imediações da área conhecida como "Cabeça do Cachorro", onde as Farc atuam. A Polícia Federal brasileira recebeu informes de que na região de Vaupés, os guerrilheiros recrutaram cerca de 600 jovens nos últimos meses.

Há um mês, a Polícia Nacional e o Exército colombianos capturaram em La Pedrera, do lado colombiano, oito guerrilheiros ligados à Frente Amazônica. Atualmente, o grupo está preso incomunicável em Letícia, cidade colombiana

fronteira com o município amazônense de Tabatinga, no rio Solimões. O Exército daquele país possui um quartel em La Pedrera, às margens do rio Caquetá, que ganha o nome de Japurá no território brasileiro. Nesse rio, a movimentação de brasileiros e colombianos é intensa.

Nas imediações do povoado fica a Vila Bittencourt, um povoado brasileiro no meio da selva, onde a Polícia Federal instalou um dos sete núcleos de inteligência ao longo da fronteira. Além da PF, o Exército brasileiro mantém um pelotão naquela área. Ao longo da fronteira, o Brasil mantém 2,3 mil militares para fiscalizar a área, informou o chefe do Estado Maior do Comando Militar da Amazônia (CMA), em Manaus, general Clóvis Bandeira.

Por conta da ação de guerrilheiros na região, que abrange os departamentos de Amazonas, Vaupés e Guainia, os militares colombianos reforçaram a vigilância. A área sob intensa fiscalização tem cerca de 1,7 mil quilômetros de fronteira com o Brasil, onde está desencadeada desde antontem a Operação Cobra (sigla de Colômbia e Brasil) pela PF, com apoio do Exército.

Do lado brasileiro, a região estende-se de Tabatinga até a "Cabeça do Cachorro". Nesse trajeto, a PF montou sete base em guarnições do Exército para impedir a entrada de guerrilheiros e traficantes colombianos por causa dos efeitos do Plano Colômbia, operação conjunta com o Governo norte-americano de combate ao narcotráfico naquele país, que deve iniciar nos próximos dias. A Agência Brasileira de Inteligência (Abin) também monitora toda a fronteira com a Colômbia.

TROPAS COLOMBIANAS

Em toda a área, o Exército colombiano tem mais de mil militares atuando intensamente, para evitar que guerrilheiros e traficantes cruzem a fronteira brasileira. "As forças militares da Colômbia estão em constante sentinela naquela região", garante o comandante da Polícia Nacional da Colômbia, em Letícia, coronel Jorge Garzon Jimenez. Segundo ele,



AMAZÔNIA

O Exército brasileiro e agentes federais estão reforçados para garantir a segurança na fronteira como na Base Anzol, em Tabatinga

devido ao forte aparato militar "difícilmente, os guerrilheiros vão cruzar a fronteira".

Relatórios da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) obtidos em Brasília revelam que a seita Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal, com atuação em vilarejos peruanos às margens dos rios Javari e Solimões, nas imediações de Tabatinga, pode estar fornecendo armas contrabandeadas do Peru para grupos paramilitares

que atuam na região.

Em dez anos na região, a seita tem hoje cerca de 5 mil seguidores e um poderio político do lado peruano. Em Islândia, localizada próxima a Tabatinga, a facção religiosa elegeu o prefeito e vice-prefeito do grupo religioso, que já se instalou nas localidades peruanas de San Pablo, Caballo, Caballo Cocha, Ramón Castilha, Alto Monte, Nueva Jerusalém, San Pedro e Islândia, também possui um templo em Tabatinga, do lado

brasileiro da fronteira. A seita tem na cidade cerca de 60 membros, entre peruanos e brasileiros.

Em agosto, a polícia colombiana apreendeu com um dos dirigentes da seita, Esequiel Jonas Autacusi Mouna, um carregamento de armas e munições que estavam sendo levados de Cineguia, no Peru, para a cidade colombiana de Calderon. Segundo o relatório da Abin, as armas são trazidas das cidades de Iquitos e Ucayalli, no Peru, para a região de fronteira. Os

membros da seita teriam a cobertura da Polícia Nacional Peruana (PNC), que fiscaliza os rios da região, do lado peruano.

Na seita, os homens usam cabelos e barbas compridas, e as mulheres só saem às ruas com véus. Ele vivem da agricultura em comunidades fechadas. Em todas as localidades, os integrantes da seita possuem informantes peruanos e olheiros, como nos cartéis de drogas, para impedir a entrada de estranhos.